

# ROTA

PROPRIEDADE DA  
D. U. M. L.  
HOSPITAL ESCOLAR  
DE SANTA MARIA

UM NOVO JORNAL  
UNIVERSITÁRIO  
AO SERVIÇO DA  
UNIVERSIDADE

maio - 1958

DE UNIVERSITÁRIOS PARA UNIVERSITÁRIOS - ANO I - NÚMERO 1  
DIRECTOR: EGÍDIO A. GOMES • EDITOR: ANTÓNIO M. SANCHO

É sempre bom, quando se quer realizar qualquer obra que transcenda um pouco o âmbito comezinho das realizações várias, e quando essa obra possa vir a ter influência na evolução do «*status quo*», definir linhas de rumo e indicar, dentro das condições de contingência que o futuro envolve, uma rota clara e sem tergiversações, que dê aos colaboradores dessa obra a garantia de que não haverá transigências com o erro nem subterfúgios face à verdade.

Defendemos e defenderemos sempre o conceito de Universidade como Corporação de Professores e Alunos, Corpo único em que cada um dos membros tem a sua tarefa específica, da qual não abdica, e que não pode atingir o seu desenvolvimento pleno se qualquer um desses membros falhar na sua missão.

Colaboração íntima de Professores e Alunos para a consumação duma tarefa comum, embora encarada através de acções diferentes, e não luta de classes em que Mestres se queiram sobrepor a Alunos ou Alunos se queiram sobrepor a Mestres. Colaboração íntima que não impede que os Professores sigam os caminhos que lhes são próprios e os Alunos sigam vias diferentes. Fim igual — A Universidade na sua concepção plena.

Meios diferentes — Mestres agindo como Mestres e Alunos agindo como Alunos.

É por uma Universidade deste tipo, tantas vezes definida e tantas vezes esquecida, que pugnamos. É por uma compreensão sem ressentimentos que nós batalhamos.

Não queremos Associações de Alunos definidas como organismos de luta pelas reivindicações estudantis, esquecendo que a Universidade não são só os Alunos, nem queremos, também, Professores constituindo um grupo à parte que discute e resolve a seu bel-prazer os problemas da Universidade, esquecendo que nela não há só os seus interesses, e esquecendo também, por vezes, que as suas soluções são tão falíveis como as outras.

A nossa rota é bem clara.

Queremos uma Universidade na sua concepção máxima de «*Universitas Scholarum et magistrorum*».

Por uma Universidade forte, Corporação efectiva entre todos os seus membros — é o lema que nos guia.

Assim ele seja o lema de todos.

## Lugares de convívio entre universitários

## É nós, quando criamos um ambiente de camaradagem?

A tarde, quando não tem aulas, o estudante pega nos livros, deita contas ao dinheiro, fica a pensar no sítio para onde irá e, como duma maneira geral já tem o seu café habitual, a pastelaria onde não se importam que ele estude, é para esses que se inclinará a sua escolha.

Chegado ao café, encontra-se com os companheiros de quase sempre, uma meia dúzia de «*crónicos*» que até já tem as suas mesas preferidas, conversa um bocadinho, manda vir uma bica, e depois lança-se ao estudo.

A noite, a mesma coisa, multiplicando o enfado e os longos silêncios em que não há nada para dizer por infinito.

Assim se formam os grupos restritos, assim se cimenta a falta de contacto entre os universitários — quer da mesma Faculdade quer de Faculdades diferentes —, se torna efectivo o isolamento e o afastamento do estudante em relação àquilo que deveria ser o seu verdadeiro meio, o meio universitário.

Reduzido àquela «*meia dúzia*», cedo desaparecem os motivos de conversa, cedo se perde o interesse pela discussão dos mil e um problemas quotidianos, quer universitários quer não universitários ou, o que é pior ainda, cedo desaparecem esses mesmos problemas, afastados pelo desinteresse geral frente à repetição monótona dos mesmos argumentos pelos mesmos argumentadores.

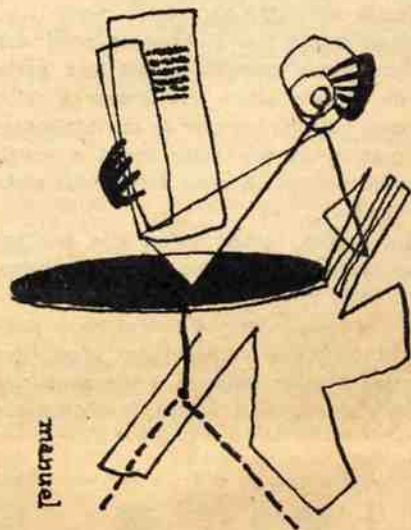
Nas Faculdades, afora uma ou outra com

salas mais próprias, o estudante não tem instalações nem condições que lhe permitam contactar com os seus colegas, travar conhecimentos com eles, expor-lhes as suas ideias e discutir com eles os problemas que o afligem e muito menos criar à sua volta o ambiente necessário ao florescimento das iniciativas, semente do progresso e do caminhar para um nível universitário superior.

Em Lisboa, o Técnico com a sua Associação, não chega a resolver o problema do convívio. A Associação é, fundamentalmente, um local de recreio ou de passagem, um local onde se joga o ping-pong, ou onde se lêem os jornais. A Faculdade de Ciências tem já sob o aspecto que nos interessa, melhores condições. A sua sala de estudo, parte café, parte biblioteca, já apresenta outras possibilidades. É um local onde se está, não durante cinco ou dez minutos, de passagem, mas durante algumas horas, a estudar ou a conversar.

Mas atentando bem, qualquer delas fecha cedo — o Técnico, perto das oito, e a Faculdade de Ciências lá pela mesma hora e além disso, quem já foi à Faculdade de Ciências reconhecerá facilmente que duas dezenas de mesas de madeira, e de mau aspecto, e cadeiras estropiadas e incómodas, além duma

(Continua na pág. 3)



No interior:

## Teatro ao nível das Faculdades

## O DESPORTO NA

## FACULDADE de MEDICINA

Um rápido exame da história desportiva da nossa Faculdade permite verificar que, salvo rara excepção, não ganhámos um campeonato, e poucas vezes nos classificámos entre as equipas que disputavam as meias-finais ou finais.

Porquê? Dar-se-á o caso que numa Faculdade com mais de mil alunos, em que o número de rapazes triplica o de raparigas, não seja possível organizar uma equipa capaz de disputar no plano universitário cada uma das modalidades?

Não é defensável supor-se que os futuros médicos, ainda alunos do liceu, se alheiem

**Salvo rara excepção, não ganhámos um campeonato, e poucas vezes nos classificámos entre as equipas que disputavam as meias-finais.**

da Educação Física e dos Desportos.

Para nós os males de que enferma a nossa actividade desportiva são bem diferentes, e deles queremos dar breve nota:

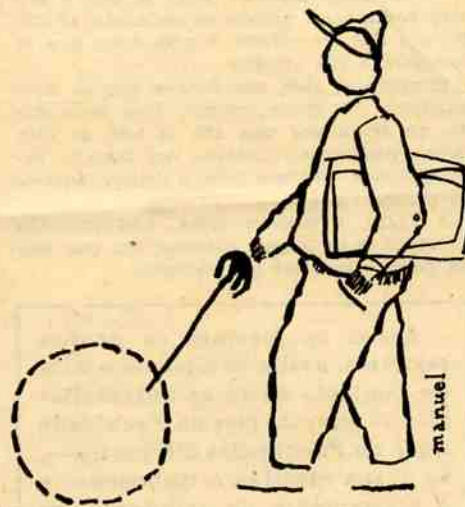
- Falta de pessoas capazes de um sacrifício, voluntariosas e conhecedoras, que ocupando postos directivos saibam, no momento preciso, dar cabal solução a todas as dificuldades que por via de regra se lhes deparam.
- A ausência de uma organização eficiente.
- A dificuldade de obtenção de campos para realizar torneios inter-anos e preparar as equipas representativas da Faculdade.
- A falta de verba para sustentar as despesas de organização das representações da Faculdade, o que leva o universitário que nelas participa a despende muito mais do que a simples prática do Desporto lhe custaria.
- Por último um alheamento geral dos problemas desportivos até por parte do próprio atleta. Há mesmo a falta dum conceito superior de actividade desportiva, do seu valor moral e social, motivado talvez pelas deficiências atrás citadas.

Para alguns destes males, que levaram a Faculdade a estagnar no sector desportivo, havia entre nós solução, mas nem a Associação Académica nem a Delegação do Centro Universitário conseguiram eliminá-los elevando o nosso desporto a um nível que pudesse ser considerado bom. É verdade que

com a primeira se criaram boas equipas de Óquei em patins, Râguebi e Futebol, e com a segunda se conseguiu classificar a Faculdade em 2.º lugar nos Campeonatos Universitários de Natação e Handebol de Sete. Esta foi até mais longe e realizou em 1956/57 — ano em que a organização geral do Desporto Universitário atravessava uma crise, a ponto de só se realizarem Campeonatos Universitários de Futebol, Volei, Basquete e Ténis de Mesa — Campeonatos Internos de Ténis de Mesa, Badmington, Ténis, Atletismo e Futebol, movimentando só neste último cerca de 100 alunos.

O nível, contudo, continuou a ser baixo. Importava melhorá-lo.

Sabemos que por despacho de Sua Ex.ª o Ministro da Educação Nacional, que regulamentava o Desporto Universitário, foi há



muito tempo criado o Grupo Desportivo da Faculdade de Medicina de Lisboa. Este Grupo Desportivo tem uma direcção formada, um presidente escolhido pelos delegados desportivos de ano que por sua vez são eleitos por todo e qualquer aluno do seu ano. O presidente poderá escolher para a direcção os alunos que achar necessários, desde que não desempenhem funções directivas noutros organismos existentes na Escola.

A acreditarmos no valor e consciência da escolha feita por todos os alunos — incluindo até os que se encontram afastados dos problemas desportivos — seríamos levados a crer que os dois primeiros males por nós indicados estavam vencidos. As pessoas seriam capazes e a organização seria eficiente.

Aterceira dificuldade podia considerar-se

vencida com a construção do Estádio Universitário.

Restava a falta de verba, geradora de muitas dificuldades de orgânica, pois o alheamento dos problemas desportivos por parte dos alunos é por nós considerado uma consequência. Cremos que os dirigentes do Grupo Desportivo saberão encontrar adequada solução. Mas é necessário que todos se com-

**No ano corrente só numa modalidade, Ténis de Mesa, conseguimos manter organizada a representação. E chegamos à final! Mas frequentemente perdemos jogos na secretaria depois de no campo e com esforço termos criado condições para a vitória.**

penetrem da importância que esta situação pode ter para o futuro desportivo da nossa Escola.

No ano corrente só numa modalidade, Ténis de Mesa, conseguimos manter organizada a representação. E chegamos à final! Mas frequentemente perdemos jogos na secretaria depois de no campo e com esforço termos criado condições para a vitória.

Em Handebol falhamos por falta de organização, em futebol por falta de organização e de espírito de equipa, em Volei e Basquete nem sequer nos inscrevemos.

Esperamos confiantes, que a experiência adquirida no decorrer deste ano sirva ao Grupo Desportivo para dar à Faculdade de Medicina, o rumo que todos aspiramos: uma prática desportiva intensa e uma representação condigna.

**ROTA espera a tua colaboração.  
Manda-nos versos, contos  
ou artigos.**

## RODIN

No dia 28 de Abril, no átrio da Faculdade de Medicina, o Prof. Jorge Horta, acompanhado por membros da Direcção da D. U. M. L. e pelos organizadores, inaugurou uma exposição de reproduções de esculturas, esboços e aguarelas de Rodin.

Como ROTA já tinha dado entrada na tipografia, só no próximo número poderemos dar uma notícia detalhada do acontecimento.

Comp. e Imp. nas E. M. LDA. — Lisboa

MEDICINA-DUML

## ambiente de camaradagem?

(Continuação da pág. 1)

sala feia e incaracterística, não criam de maneira nenhuma o ambiente necessário à permanência prolongada.

Em Medicina, o nosso «Toxinas», além de ser frequentemente alvo de reclamações, é acanhado, mal iluminado, e está fora do alcance rápido, assim como o Hospital.

Criou-se assim a dura situação de obrigar aqueles que, por qualquer motivo, não querem estudar em casa, a ir para o seu café-zinho habitual, separando-se do seu meio e das possibilidades de enriquecimento intelectual que ele lhe traria.

E o «stato quo» prolonga-se indefinidamente sem ninguém que o tente resolver e meta mãos à obra e congregar as boas vontades necessárias.

Sente-se a falta dum local de convívio.

★

Chegamos agora à questão mais importante, ao verdadeiro nó do problema.

A quem pertence dar uma solução a este estado de coisas?

Antes de mais, evidentemente, aos organismos do tipo associativo — Associações de Estudantes e outros organismos, do género da D. U. M. L. — Depois, para subvencionar e orientar — com a cedência de técnicos — ao Estado, por intermédio dos organismos competentes.

Torna-se pois necessário que os diversos organismos do tipo associativo se reúnam, permutem pontos de vista, estudem a solução prática do problema e depois, em função das necessidades que essa solução sugerir, lancem mão dos meios precisos e actuem.

Quanto a mim tendo em vista as soluções parcelares actualmente existentes — caso de alguns «cafés de estudantes» e duma iniciativa de carácter muito comercialóide, a dos chás dançantes a determinados dias da semana — suponho que a melhor solução é a da criação de um amplo e moderno café de estudantes situado, de preferência, na zona abrangida pelo quadrilátero Marquês-P. do Chile-C. Grande-Alvalade.

Em Madrid, segundo tive oportunidade de verificar, os estudantes têm em funcionamento uma sala deste género, embora de dimensões bastante menores que as para aqui preconizadas, mantêm-na aberta mesmo durante as férias, apenas permitindo a admissão de Universitários, tanto espanhóis como estrangeiros. A entrada faz-se mediante a apresentação do cartão da Faculdade, e dum bilhete, que dá direito a um consumo mínimo.

No nosso caso particular, partindo do nada, mas tendo já a experiência que nos foi dada pelas tentativas dos outros, devemos abançar-nos a fazer mais e melhor.

Um café, aliando a amplitude e a boa localização do Império, o bom-gosto na decoração de certos «cafés» modernos, e uma série de inovações que se impõem para o fim especial a que se dedica, seria o ideal.

É claro que um «café», igual a todos os outros «cafés», não chega, devemos fazer melhor. Surgem assim as citadas inovações.

Em primeiro lugar, a existência duma pista de baile, permitindo aos estudantes terem, o seu local próprio de diversões, um ambiente, digamos «universitarizado».

Em segundo lugar, a disseminação de giradiscos pela sala, permitindo que se obste à já tradicional exploração das «caixas de música» e ao seu espalhafato incomodativo. A compra dos discos seria feita por intermédio dum fundo especial resultante da uti-

## Poema

# barcaça ligeira

*Barcaça ligeira amarrada ao cais,  
cisne sem cor boiando à tona de água  
faminto de mar largo*

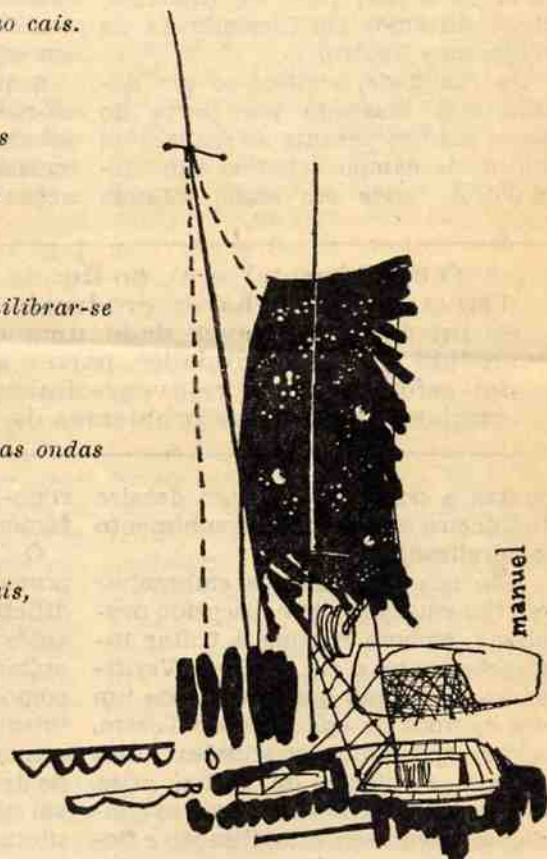
*Passam navios rio abaixo  
silvando udeuses,  
e a barcaça ligeira, o cisne sem cor,  
agita-se, estremece,  
procura desprender-se...  
e fica-se impotente  
sem forças que partam  
a grossa amarra que a prende ao cais.*

*O vento ruge agora...  
a ventania sacode ondas, escuras  
em fúria desvainada...  
Há gritos de socorro rio abaixo  
nos silvos das sereias...  
E a barcaça ligeira,  
liberta da amarra,  
é um cisne sem cor tentando equilibrar-se  
no louco torvelinho...*

*Mas passa a tempestade...  
o barco desgarrado é flor sobre as ondas  
que alguém recolhe e traz...  
E tudo é igual...*

*Barcaça ligeira amarrada ao cais,  
cisne sem nome à tona de água,  
sonhando com o mar largo,*

Odette André



lização dos giradiscos. Por cada disco pagar-se-ia, por exemplo \$50, deixando ao universitário a tarefa de respeitar o estabelecido — não seriam precisas caixas de música ou guardas de gira-discos.

Por fim — o que não quer dizer que sejam apenas estas, obrigatoriamente, as inovações — a criação duma biblioteca própria da qual, embora por sistema não estivessem excluídas, não fariam parte obrigatoriamente os livros científicos. Para o enriquecimento desta Biblioteca contribuiriam — e creio que gostosamente — as casas editoras, os autores, os mecenas, e também a criação de um fundo próprio semelhante aos dos «discos».

Este «café»-sala de convívio funcio-

naria ininterruptamente durante todo o ano e serviria — afirmo-o sem receio de falhar — para a união e melhor conhecimento de todos os universitários. Seria como que o primeiro passo para a aproximação universitária e para a criação dum tão necessário espírito de universidade na cidade de Lisboa.

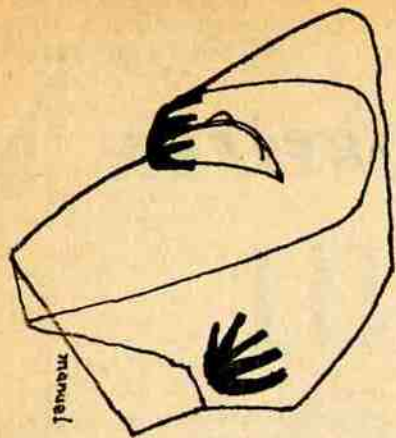
Creio que, atendendo à urgência e à im- periosidade da tarefa, ninguém lhe negará os seus esforços e cruzará os braços, indiferente perante ela.

Por mim, discípulo fiel do velho provérbio «res non verba» já há algum tempo que venho pugnando pela sua realização integral.

Egídio Alvaro

# TEATRO

## ao nível das faculdades



para um teatro de nível universitário...

Duma maneira geral, quando se fala em Teatro português, fala-se também em decrepitude, falência, falta de meios, falta de interesse, quase diríamos em inexistência de verdadeiro Teatro.

Na realidade, verifica-se um desinteresse marcado por parte do nosso público perante as realizações que neste campo artístico vão surgindo de onde em onde, lutando

O fundamental será, no fim de todas as canseiras, ter a certeza moral de haver produzido alguma coisa de valor e de interesse, de haver dado uma contribuição, valiosa na medida das possibilidades, para a arte cénica, e de ter feito um esforço para o rejuvenescimento do interesse da massa estudantil perante os problemas da cultura.

contra a possibilidade dum desaire financeiro ou dum mau acolhimento generalizado.

Não nos tencionamos embrenhar em tão emaranhado e discutido problema, embora o tema a tratar indirectamente a ele se ligue. Verificar-se-á mesmo que, estudando um dos campos de aplicação do Teatro, serão aportadas conclusões úteis para a resolução da actual crise. O que pretendemos é indicar as condições de começo, estabilização e florescimento dum Teatro cujos principais, senão únicos esteios, serão os estudantes universitários.

Imensos problemas há a resolver por quem queira lançar as mãos à obra e realizar trabalho de mérito. Entre eles avultam a escolha dos autores, mestres e actores, a constituição de guarda-roupa, o encenador, a sala de ensaios e de representação, a possibilidade de haver pouco público, a necessidade absoluta e marcante de dar um mínimo de nível ao espectáculo. O fundamental será, no fim de todas as canseiras, ter a certeza moral de haver

produzido alguma coisa de valor e de interesse, de haver dado uma contribuição, valiosa na medida das possibilidades, para a arte cénica, e de ter feito um esforço para o rejuvenescimento do interesse da massa estudantil perante os problemas da cultura.

Nota-se o acentuado afastamento do estudante em relação ao Teatro, o esfriamento do seu interesse, nos casos em que ele chegou a existir, e a fuga para outros espectáculos, em especial o Cinema.

A que atribuir tal atitude? Parece-nos que dois factores a regem soberanamente, à parte outras circunstâncias de valor secundário e de acção aproximadamente nula. Refe-

rimento nos ao factor económico e ao factor nível.

O estudante universitário vive numa encruzilhada da vida bastante difícil e complexa que, se o leva por vezes a sacrifícios, o conduz na maioria dos casos a um desinteresse cómodo que tem como resultado imediato uma estagnação de valores e uma fuga bastante nítida à tomada de deveres. Se, por um lado, não possui ainda posição definida, não ganhando para si (à parte alguns alguns mais ricos e outros obrigados pela força das circunstâncias a possuir um emprego que lhes assegure a possibilidade de terminar o curso), não podendo por isso dispor de dinheiro que lhe permita fazer face às muitas responsabilidades científicas, culturais e mundanas para que se vê arrastado, por outro lado sente-se na obrigação de aumentar constantemente o seu cabedal de cultura e de experiência. Assim, no

caso de não ter possibilidade de assumir tais responsabilidades, torna-se um desinteressado crónico pelo movimento cultural, que, quando do possui qualidades, se fecha como uma ostra sobre os seus estudos e, quando as não possui, se transformam num alheado e num mediocre, para quem não existem problemas.

O caso do Teatro serve-nos brilhantemente para ilustrar a asserção. O Teatro é, indubitavelmente, caro. Um bilhete de Teatro custa o mesmo que dois ou três, por vezes mais, bilhetes de Cinema. E isso é essencial para a boa compreensão da falta de assiduidade do estudante ao Teatro. Não se pode mesmo replicar com a falta de nível, porque temos tido espectáculos com nível, e nem por isso o interesse do estudante é maior. O problema económico domina de longe os restantes.

Que sucede então? Em vez de ir ao Teatro, o estudante vai ao Cinema, que é mais acessível. Assim, por uma espécie de círculo vicioso, o Teatro vai-se degradando. Falta de público por falta de fundos, e falta subsequente de nível por falta de público, vindo somente depois a falta de público por falta de nível. Por meio dum fenómeno inverso o Cinema vai consolidando a sua posição. O público é numeroso, porque os bilhetes são menos caros. O espectáculo compensa. Para atrair o público fazem-se melhores filmes, encaram-se os grandes problemas da sociedade actual. Desta maneira,

Nota-se o acentuado afastamento do estudante em relação ao Teatro, o esfriamento do seu interesse, nos casos em que ele chegou a existir, e a fuga para outros espectáculos, em especial o Cinema.

quer o Cinema quer o público lutaram.

Se se realizasse um inquérito aos estudantes universitários sobre os

seus gostos e os seus divertimentos favoritos, o Teatro quase não apareceria. O Cinema domina-o. Fala-se quase exclusivamente de Cinema. O Teatro passou praticamente a figurar num quadro das coisas mortas e sem interesse.

O panorama torna-se confrangedor. Que fazer para transformar tudo, para revigorar o Teatro e para atrair para ele a juventude?

Creemos que a solução está precisamente num Teatro Universitário ao nível das Faculdades. Se não, vejamos: a formação de Teatros Experimentais em diversas Faculdades teria, logo de início, uma dupla vantagem. Primeiro, aproveitava o entusiasmo daqueles que desejam ser iniciados nas artes cénicas, depois dava aos autores a possibilidade de se revelarem a um público atento e interessado.

Além disso seria uma forja onde novos métodos de expressão e de penetração do Teatro seriam estudados, sem a preocupação sempre premente dos fundos. Daqui nasceria o necessário rejuvenescimento do Teatro português, o encontro dos seus novos rumos e a criação dum público conhecedor, numeroso e interessado. Um Teatro destes não necessitaria de muito para sobreviver. Para o demonstrar falta analisar os diversos aspectos que envolve a realização prática do Teatro Universitário Experimental.

O Mestre, aquele que dirigiria e orientaria, é o problema mais importante. Sem mestres sabedores e com experiência, será muito difícil fazer alguma coisa de jeito. A questão que se põe é se os há ou não com valor suficiente. A resposta é francamente afirmativa. Temos actores de Teatro com grande experiência e saber que, cremos, não hesitarão em dar o seu contributo a uma organização Universitária deste calibre, mesmo que, para o fazerem, tivessem que suportar alguns sacrifícios pessoais.

Os Autores existem, nacionais e estrangeiros, principalmente destes últimos, em grande abundância. A dificuldade, facilmente torneável, estava na escolha. Para mais, o reflorescimento do Teatro traria consigo como consequência imediata, um aumento do número dos autores teatrais nacionais.

Actores, temos que buscá-los no nosso próprio meio (por isso o nosso T. U. seria um Teatro de amadores). O problema é de fácil resolução e sabemos mesmo por experiência própria que o interesse, pelo menos na nossa faculdade, é grande. Um dos artigos que lemos ultimamente sobre o assunto serve para aclarar a questão. Na América, nos centros urbanos correspondentes às nossas pequenas cidades de provincia, nas praias, nas termas, em todos os sítios em que a população se reúne para passar algum tempo de férias, tem-se desenvolvido com enorme intensidade um teatro bastante original, o chamado Teatro do Chapéu de Palha. Sob a direcção de alguém com gosto e capacidade, um conjunto de amadores leva à cena e interpreta todo um vasto reportório que inclui obras que vão desde Esquilo, Shakespeare, O'Neil, T. Williams, a obras de autores ainda desconhecidos. Aí se têm revelado bons valores (lembramos, entre outros, Marlon Brando) e aí se tem dado ao

Se se realizasse um inquérito aos estudantes universitários sobre os seus gostos e os seus divertimentos favoritos, o Teatro quase não apareceria. O Cinema domina-o. Fala-se quase exclusivamente do Cinema. O Teatro passou praticamente a figurar num quadro das coisas mortas e sem interesse.

Teatro um enorme poder de penetração. Tal como ele, o nosso Teatro Universitário permitiria a revelação de valores e o aumento sempre crescente do interesse do público.

Este mesmo Teatro do Chapéu de Palha nos serve de exemplo para a resolução do problema da sala de

exibição e de ensaios. O seu modo de actuar é pouco ortodoxo, está pouco de acordo com as velhas normas rígidas de escolha de local de exibição e com os antigos cânones de encenação. Qualquer barracão com um mínimo de condições de espaço, qualquer recinto vedado ou mesmo barraca de dimensões convenientes lhe serve para realizar um

O Teatro é, indubitavelmente, caro. Um bilhete de Teatro custa o mesmo que dois ou três, por vezes mais, bilhetes de Cinema.

espectáculo. E, no entanto, são apresentadas peças de valor e de categoria. Porque nos não servimos nós do nosso átrio (no caso particular de Medicina), da escadaria que o antecede, ou mesmo do recinto que se encontra por detrás das salas de alunos? Se o que interessa é exibicionismo, concordamos que não serviriam, mas se o que se quer é trabalhar para a valorização do meio Universitário e do Teatro, se há um querer forte e vontade de fazer alguma coisa de jeito, então sim, qualquer desses locais servirá.

Para cenários não seriam necessários grandes construções nem coisas muito complicadas. Estamos a lembrar-nos de Robert Edmond Jones que (Garland — A cenografia nos E. U.) «empregou muitas vezes penos de fundo simples e sugestivos. No seu cenário para «The Man Who Married a Dumb Wife... entraram apenas tons de cinzento e negro, contrastando com as cores brilhantes dos trajes». Nos diversos Teatros Experimentais, há mesmo uma tendência acentuada para simplificar os cenários. Mas, mesmo que estas medidas não fossem de aconselhar —

e nada nos indica que tal suceda — creio que se encontrariam os meios e os homens necessários para levar a bom termo a encenação duma peça.

O mesmo se passa com o guarda-roupa. Os gregos usavam túnicas simples. Os actores do Teatro do Chapéu de Palha servem-se, na medida do possível, dos trajes habituais. Por seu lado, o simbolismo

jornais e revistas

# RECORTES...

Convém, pois, tomar nota que ao excesso de importações que se está a verificar em telefonias, frigoríficos, ferros de engomar, tabacos, automóveis, etc., nós precisamos, temos urgência, em que se importem programas cultos, bitolados pelo calibre apresentado pelos jograis de S. Paulo. Temos de importar também directores de Teatro, temos de importar realizadores cinematográficos... Já não estamos na época de dizermos uns aos outros que somos todos geniais... Precisamos de importar os últimos modelos, não de frigoríficos mas de valores mentais e anunciá-los aos quatro cantos deste jardim da Europa, onde as máquinas de lavar não deixam ver o que se passa na sala,

Ruben A. Leitão («D. Popular»)

Ao observarmos a nossa mocidade — apoio, garantia e esperança do futuro com a amargura nos lábios, incredulidade no pensamento, cepticismo nos actos e a indiferença nas palavras, somos tomados de pânico. Uma sensação angustiosa povoa-nos de maus presságios.

Deviam erguer-se muitas vozes, todas as que soubessem fazê-lo, para gritar à nossa juventude sem esperança que o mal não é exclusivamente seu nem da sua época. Que todas as mocidades tiveram de enfrentar problemas tremendos que pareciam conduzir irremediavelmente ao aniquilamento. Que se é verdade a História não retroceder, verdade é também repetir-se e que os mais intrincados labirintos têm sempre uma saída.

(«D. Ilustrado»)

Steinbeck e Hemingway são os romancistas americanos preferidos pela juventude norueguesa, segundo uma estatística da UNESCO...

O trabalho (...) foi consagrado, principalmente às preferências de leitores noruegueses. A impressão geral, quanto à preferência pelo romance, é baixa (...). Nada de obras de imaginação. As razões deste estado de coisas são interessantes: O romance talvez tenha atingido o auge e é possível que tenda a desaparecer ou então, torna-se premente a necessidade de informação sobre a actividade mundial para que possamos ler as obras

de imaginação. A preocupação dominante do homem dos nossos dias é o Mundo actual.

(«D. Ilustrado»)

A actividade dos estudantes universitários, em qualquer campo que não seja o da sua preparação escolar, encontra-se essencialmente dificultada pelo carácter absorvente dessa preparação, pelas possibilidades financeiras, sempre limitadas das entidades que os representam, as Associações, e pela coadjuvação ainda deficiente destas últimas.

AEIST

universidade

## NOTICIÁRIO

Na altura em que o nosso jornal entrou na tipografia sofreu a Faculdade de Medicina em particular e o País em geral a perda de um dos seus mais ilustres membros: mestre Henrique de Vilhena.

Fundador da «Escola de Lisboa de Anatomia», investigador incansável e mestre querido, durante muitos anos a Faculdade de Medicina teve o seu concurso.

ROTA, solidária com o pesar que envolve toda a grande família médica (professores, mestres e alunos) apresenta as condolências à família enlutada do insigne extinto.

✕

De 14 a 25 de Abril realizou-se na Faculdade de Medicina uma série de conferências subordinadas ao tema «Higiene Mental».

Pela novidade do assunto tratado, pelo interesse que ele despertou no meio universitário, e ainda porque sobre a matéria existe escassa bibliografia, achamos ser de grande interesse publicar o resumo das conclusões a que se chegou. Assim, nos próximos números ROTA esforçar-se-á por dá-las a conhecer aos seus leitores.

Para já não queremos deixar de assinalar a vantagem existente na multiplicação de conferências, colóquios, simposios, reuniões internacionais, etc., que só vêm beneficiar o meio, abrindo-lhes novas perspectivas e permitindo ao estudioso contactar com ideias novas e ouvir mestres consagrados.

✕

A D. U. M. L. continua a trabalhar no sentido de proporcionar aos seus sócios número sempre maior de vantagens, e no sentido de criar um verdadeiro e inquebrável espírito de conjunto, tão necessário ao prosseguimento das empresas e a um melhor conhecimento dos universitários.

ROTA é mais um passo em frente, mas não é o único.

No passado dia 17, com vista à organização duma equipa própria, realizou-se um encontro de futebol entre «brancos» e «ama-

relos». A sessão decorreu animada, e se não temos a apontar a existência de bom nível técnico, também não temos que apontar incorrecções. Depois de alguns destes jogos, para os quais se pede a comparência de todos os sócios interessados, tentar-se-á a efectivação de jogos amigáveis com equipas de outras faculdades.

Além do futebol pensa-se organizar equipas de ténis de mesa, basquetebol e voleibol.

✕

A exposição de campismo, que tanto brado deu, e cujo bom-gosto foi unanimemente comprovado por quem a visitou, seguir-se-ão outras.

A DUML, fiel ao princípio de que é absolutamente necessário pôr o universitário em contacto com as mais diversas actividades humanas, envidará todos os esforços, para que as seguintes sejam também um êxito.

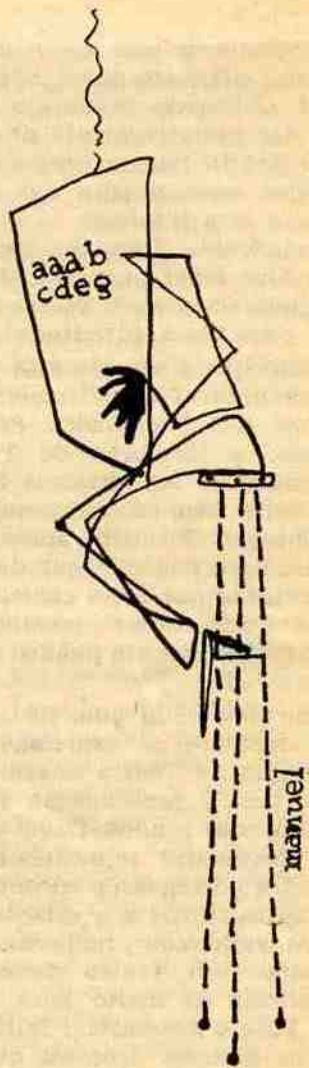
## Problemas de Teatro

desenvolve-se cada vez mais, levando à simplificação constante do guarda-roupa. Porque não usamos nós, num Teatro Experimental cuja principal pretensão é dar bons espectáculos teatrais à juventude, e dar à Nação um público e um escol bem formados — meios indispensáveis para um ressurgimento do Teatro — porque não usamos nós a simplicidade como grande arma? Porque complicar as coisas?

Como último problema a considerar surge-nos o público. Corresponderão os estudantes a este esfroço? Sem dúvida! Uma afirmativa clara

é a única resposta possível. O Teatro Universitário Experimental tem a grande vantagem de os não obrigar a pesados encargos económicos (ou mesmo a nenhuns, caso seja subsidiado por organismos associativos) e dar-lhes-á a possibilidade de equacionar os seus problemas, os problemas tão candentes da juventude actual, dos seus rumos e das suas necessidades.

Creemos pois que um Teatro Universitário Experimental ao nível das Faculdades estará votado a um triunfo encorajador de mais arrojados empreendimentos.



# Literatura Francesa

(Continuação da pág. 8)

e, enfim, depois de Gide e antes de Jean Paul Sartre, o caso de André Malraux.

Seria injusto passar em silêncio sobre a obra dos escritores modernos ou contemporâneos desembocando na sua escravização e no amor exclusivo de si próprio, que se distingue muito bem, com apreensão, sob o brilhante jogo de espírito e de estilo.

Contrariamente, Jean Paul Sartre não passa dum existencialista. Por intermédio deste sistema filosófico novo, de origem germânica, dissolve os laços de família e de

rito com que o autor a criou. Dir-lhes-ei que os pobres heróis que ele tira de si próprio e da vida são, no seu pensamento, as vítimas desta terrível hereditariedade que nos é comum: o pecado original. O que lhe interessa é convidarmos à purificação na graça redentora. Não é sem razão que ele escreveu uma vida do Salvador. Cristo eleva-se por cima do ruído quase infernal das almas afastadas da esperança, como o chamamento, como o perdão, como a Presença.

Não nos é possível enumerar todos os romancistas actuais — são demasiados. A maioria são bons escritores. Contrariamente à França de Boileau, não houve vez em qualquer outra época tantos escritores de talento.

Por outro lado as escritoras encontraram no romance a forma de expressão que convém admiravelmente à riqueza da sua imaginação, e da sua sensibilidade, ao seu gosto natural pela narrativa e pelo diálogo. Na peugada de George Sand surgiram gerações sucessivas de romancistas dos quais só citarei algumas: Judith Gautier publicou grande número de romances; Aurel, Colette, Yver, Delarue-Mardrus, Andrée Corthis, Jean Balde, Isabelle Sandy e, sobretudo Colette, que mostrou numa análise exacta e lúcida, numa linguagem pura e rica, a natureza e os animais, as fraquezas e as inquietações das almas femininas e, enfim, as suas recordações de infância.

É preciso também tomar na devida conta o nosso mundo moderno. É preciso lembrarmos sobretudo que, nos nossos dias, seria absurdo separar a literatura francesa das literaturas estrangeiras. Já não existem fron-

a política e a indústria. Deve conservar-se nacional sem negligenciar completamente o contacto com os outros países.

Com efeito a literatura moderna francesa não é outra coisa do que a imagem deste mundo perturbado. As classificações tradicionais foram viradas do avesso. Poder-se-ia dizer que a poesia está em toda a parte salvo no seu domínio próprio. É em prosa que se expressa o surrealismo poético — já se não distingue a poesia da prosa — misturam-se.

Neste Mundo perverso, duro e perigoso, inquietante e angustiado, onde se debate a questão da energia nuclear capaz de revolucionar a terra inteira, seria acanhado falar da literatura nova. Somos tanto mais tentados a crê-lo, além disso, quando se pensa no juízo de conjunto formulado pelo grande físico Louis de Broglie: «Recelo — diz ele — que se caia num clima poético menos bom, acrescentarei mesmo: numa diminuição da

Já não existem fronteiras porque, daqui para o futuro as ideias espalham-se terrivelmente depressa. As correntes literárias desenvolvem-se em quase todos os países ao mesmo tempo.

Saibamos reconhecê-lo, há uma literatura europeia.

Sem sombra de dúvida, assim o creio, a nossa época impõe-nos mais que qualquer outra, a virtude da esperança.

râneos. André Gide, romancista, ensaísta e crítico, com um pensamento rico e absorvente, mas sempre instável e caprichoso exerceu sobre a juventude uma influência profunda e nefasta, porque a libertação do nica, ele pretende explicar o jogo da liberdade humana no determinismo rigoroso do Mundo, e inclina para um inquietante pessimismo uma juventude cujo escol soube, ao contrário, pela sua fé e pelo seu valor, expulsar a derrota e alcançar a vitória.

Outra corrente de influência é a de André Malraux, homem de acção, condutor de homens, que se lançou de corpo e alma na grande aventura social e política da sua época, com risco de se queimar e perecer. Este homem de acção, que é também um especialista e um artista venceu a tarefa enorme de gerar uma obra filosófica sem precedentes (Psychologie de l'Art). Creio que André Malraux venceu primeiramente pela virilidade que exaltou. Deu à juventude um exemplo único de um intelectual probo, actuando como um homem, de acção total que, mesmo nos momentos angustiosos da vida testemunha uma absoluta sinceridade e uma rara coragem.

Resta mencionar os nomes de Marcel Proust, Alain Fournier e Georges Bernanos, que pertencem à linhagem dos cavaleiros do Absoluto, e François Mauriac.

Graças à sua obra François Mauriac está classificado entre os mestres do romance contemporâneo. Acerca dele, portanto, pouco temos que nos incomodar com as questões puramente literárias de escola, de género e de espécie: François Mauriac, escritor católico, representa um caso curioso. Merece ser chamado o autor dos «fiéis», porque os «infiéis» o compreendem muito mal. Dotado dum génio romanescos, Mauriac cria monstros morais com um estilo que tem o calor do sangue e a palpação da carne, e é ao mesmo tempo, animado por uma fé viva que aspira à pureza divina. Autor completo, mas atormentado, sente-se cansado, macerado por estes dois polos que coexistem nele e pertencem ao mais profundo das fibras do seu ser.

Como camarada e amigo (amigo latino) direi simplesmente àqueles que lerem a obra de Mauriac que a leiam com o mesmo espí-

Há uma fusão da prosa e da poesia. Poder-se-ia dizer que a poesia está em toda a parte salvo no seu domínio próprio. É em prosa que se expressa o surrealismo poético — já se não distingue a poesia da prosa — misturam-se.

teiras porque, daqui para o futuro as ideias espalham-se terrivelmente depressa. As correntes literárias desenvolvem-se em quase todos os países ao mesmo tempo. Saibamos reconhecê-lo, há uma literatura europeia. O génio francês reserva aí as suas características próprias, mas ganha com ela em profundidade e em poder de irradiação. Seria imprudente acolher tudo o que vem de fora, como seria imprudente fechar as fronteiras. A literatura obedece às mesmas leis que

sensibilidade artística. É dos monumentos, por exemplo, que jamais se saberia reconstruir, tendo a técnica atrofiado o engenho do homem, a sua fé individual. O nascimento duma estética nova, estética da máquina, da pressão mecânica, da luz, não pagará por inteiro, parece-me, uma tal perdas.

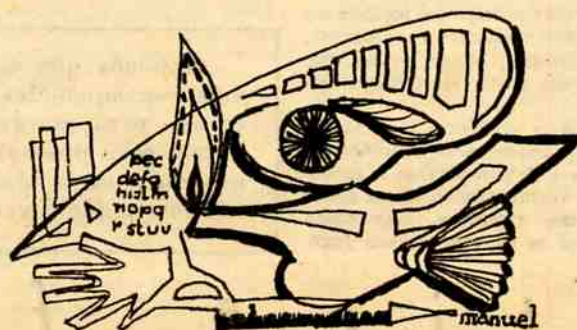
Mas parece que a história nos ensina que apesar de tudo, a vida está em contínua renovação.

Sem sombra de dúvida, assim o creio, a nossa época, impõe-nos, mais que qualquer outra, a virtude da esperança. Da literatura do século XX diremos nós o que Litz preconizava à música do século XIX. «As ondas do espírito não são como as ondas do mar»: não lhes foi dito: «Ireis até aqui e não até mais longe» e ao contrário o espírito corre para onde quer, e a arte francesa, como qualquer outra, tem a sua palavra a dizer, tal como a dos séculos precedentes.

Pergunto a mim próprio qual será essa palavra. Sem dúvida está escrito em filigrana na página branca do futuro próximo. Aliás, uma jovem crítica afirma que o problema não está em... «reproduzir a realidade do homem no seu mais alto nível... Uma literatura só existe em função do que a ultrapassa, quer isso seja a fraternidade humana, o egoísmo ou a transcendência cristã. Parece-me vã qualquer estética que não presuponha compromisso moral ou que não se opõe em nenhuma perspectiva metafísica».

Penso que grande esperança é que uma tal voz se eleve por cima da juventude actual. Todos os homens de boa vontade querem esperar e crer que este novo humanismo será fundado sob a ordem cristã.

António Baticã Ferreira



☞ ☞  
☞ ☞

☞ ☞  
☞ ☞

temas literários

## a moderna

## LITERATURA FRANCESA

Antes de começar a publicação do nosso jornal, o nosso amigo Egidio Alvaro perguntou-me se poderia escrever um artigo sobre a moderna literatura francesa.

Será necessário, para começar, dar uma breve definição da palavra literatura.

A literatura engloba: princípios de arte de escrever; tal como a moral é muitas vezes influenciada pelo carácter nacional, as ideias, os costumes e, sobretudo pelo temperamento do autor, de maneira que existem tantas literaturas como há sociedades diferentes.

E como o número de pessoas que leem aumenta, os leitores são tão diferentes nos gostos e na cultura que todas as maneiras de escrever têm os seus admiradores. Já não há mais autoridade literária. Não há mais regras legais. Cada um faz o que lhe apetece.

A literatura nasceu desde que o homem soube exprimir o seu pensamento. É um dos sinais mais brilhantes da superioridade do homem no Universo, porque interpreta e transfigura o seu espírito. Desde longínquas eras que os galos cantam da mesma maneira, mas no decorrer dos séculos houve uma profunda transformação no canto do homem. É sobre este ponto que brilha o milagre inevitável da literatura.

Em França, por exemplo, a literatura sofreu uma transformação que tem variado com a sua história. Sem descer às épocas de Cornille e Ronsard, vamos-nos deter na de Chateaubriand e seus sucessores. Falar da moderna literatura francesa vem a dar o mesmo que falar do romance contemporâneo.

Uma vez quebrada a barreira clássica, numerosas tentativas literárias triunfam em todos os sentidos, e cada escritor procura uma fórmula nova. As escolas que surgiram lutaram com duras dificuldades, e o seu reino foi lacónico ou efémero. Bem depressa se cai no individualismo. Cada autor nos apresenta a sua personalidade, a sua arte de escrever, o seu temperamento. Essa arte literária que dominou a segunda metade do século XIX é verdadeiramente viva, vibrante, e se é menos sensível e menos proba que a arte clássica, atinge mais vivamente o leitor.

Tal como a Corte, a aristocracia, os salões que nos séculos precedentes se opunham a todos os escritores e determinavam a forma da sua actividade, assim surgem agora rodas literárias por vezes tiránicas, mas basta haver coragem para se libertar do seu jugo.

E como o número de pessoas que leem aumenta, os leitores são tão diferentes nos gostos e na cultura que todas as maneiras de escrever têm os seus admiradores. Já não há mais autoridade literária. Não há mais regras legais. Cada um faz o que lhe apetece.

Todavia aparece o jornalismo na literatura moderna. A crítica favorece os seus interesses e exerce a sua autoridade nas revistas e nos jornais que pretendem influenciar o público. Notemos que este desenvolvimento do jornalismo tem lamentáveis consequências literárias, porque a necessidade de pensar depressa para escrever todos os dias, a necessidade de escrever depressa para preencher o jornal quotidiano, suprimem a reflexão que purifica as ideias e a arte

para só citar estes. Com efeito, o ponto que nos interessa aqui varia consoante o objecto do jornal e o público ao qual se dirige. Falta quase completamente nos grandes diários e semanários, aparecendo nos periódicos e revistas de carácter intelectual ou artístico.

Dito isto é preciso distinguir o que é pura informação do que é expressão de ideias, de doutrinas, de sentimentos. A arte literária pode também existir na maneira de apresentar casos variados: o artigo de fundo que ocupa geralmente as primeiras colunas da primeira página, contém simples exposição ou polémica. A sua assinatura deve garantir-lhe o valor literário. Acrescentemos que a reportagem que tem por fim viagens ou inquéritos pode atingir grande categoria. Visa especialmente «Pontos de vista — Esboços — Esboços». Percorrendo o espaço e o tempo, ganha sobretudo pela sua densidade, a sua brevidade, a sua imaginação, a sua fantasia e o seu espírito e não é mais do que uma crónica encurtada.

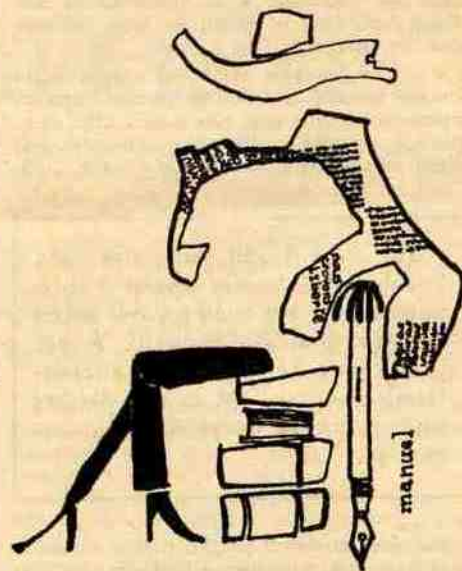
Desta maneira o jornal tem um alcance imenso, porque nos ensina pela penetração lenta e segura, faz opinião, leva a evolução dos espíritos, provoca revoluções intelectuais, sociais, políticas, e é capaz de apagar regimes ou abatê-los.

Os grandes homens deste Mundo sabem-no bem e, de Richelieu a René Coty têm-se servido deste irresistível instrumento de propaganda e de governo. A influência do jornal é tão grande e desenvolve-se com uma tal velocidade que se pode dizer do homem moderno que possui um cérebro de papel.

Mais perto de nós, o romance francês não é mais inconstante nem, em suma, mais fluído que o favor que se dedica a certos escritores, aliás eminentes pela sua arte ou pelas suas ideias, os eleva à categoria de mestres do dia e tende a abandoná-los e a passar a outros, quer porque o clima intelectual e moral ao que eles correspondiam se tenha modificado sob o golpe dos grandes acontecimentos, quer porque a geração que os intitulava seus mestres tenha cedido o lugar à seguinte, de aspirações diferentes.

É o caso de Maurice Barrès até ao grande conflito da guerra de 1914-18, o de André Gide depois da primeira guerra mundial, o de Jean Paul Sartre depois da segunda

(Continua na pág. 7)



A influência do jornal é tão grande e desenvolve-se com tal velocidade que se pode dizer do homem moderno que possui um cérebro de papel.

paciente de polir a expressão. O jornalismo tende a vencer os livros pensados.

Assim, ao lado dos jornais para todos, há folhas religiosas, jornais políticos, literários, científicos, profissionais, médicos, industriais, desportivos, comerciais, agrícolas, turísticos,

Notemos que este desenvolvimento do jornalismo tem lamentáveis consequências literárias, porque a necessidade de pensar depressa para escrever todos os dias, a necessidade de escrever depressa para preencher o seu jornal quotidiano, suprimem a reflexão que purifica as ideias e a arte paciente de polir a expressão. O jornalismo tende a vencer os livros pensados.

b a t i c â f e r r e i r a